

Entressafra: o percurso do livro para o palco por Isabel Guéron.

Em abril de 2021 lancei meu primeiro livro, uma reunião de escritos produzidos nos últimos anos; crônicas, contos e poemas. Durante a organização do livro demorei a entender qual critério eu usaria na ordem dos textos. Colocaria na ordem cronológica em que foram escritos? Ou organizaria o livro por blocos de assunto? Depois me deu vontade de ter concretamente cada texto e poder criar a ordem com as mãos. Imprimi cada história e espalhei pelo chão. E intuitivamente fui lendo em voz alta. Dizia um, dizia outro, voltava pra um que eu já tinha lido, imaginava qual história gostaria de ser a próxima. E durante esse processo, num lampejo de afastamento, me vi de pé no meio da sala. A atriz e a escritora, se encontrando ali. Então eu decidi que ia lançar o livro e depois fazer uma peça.

Livro na praça e eu com a cabeça tomada por essa ideia de levar pro palco, quando recebi a proposta de parceria da FINAC. Eu acho que projeto a gente precisa começar. Depois ele ganha força, não é mais só uma ideia sua. Quando você vê tem um monte de gente em volta, trabalhando junto, colaborando. Eu agradeço à FINAC a oportunidade desse começo!

Em maio entrei na sala de ensaio junto com Cristina Moura, artista que admiro muito e que convidei para dirigir a peça. A alegria de entrar na sala vazia para ensaiar, depois de dois anos afastada do meu ofício por conta da pandemia foi imensa. Imensa!

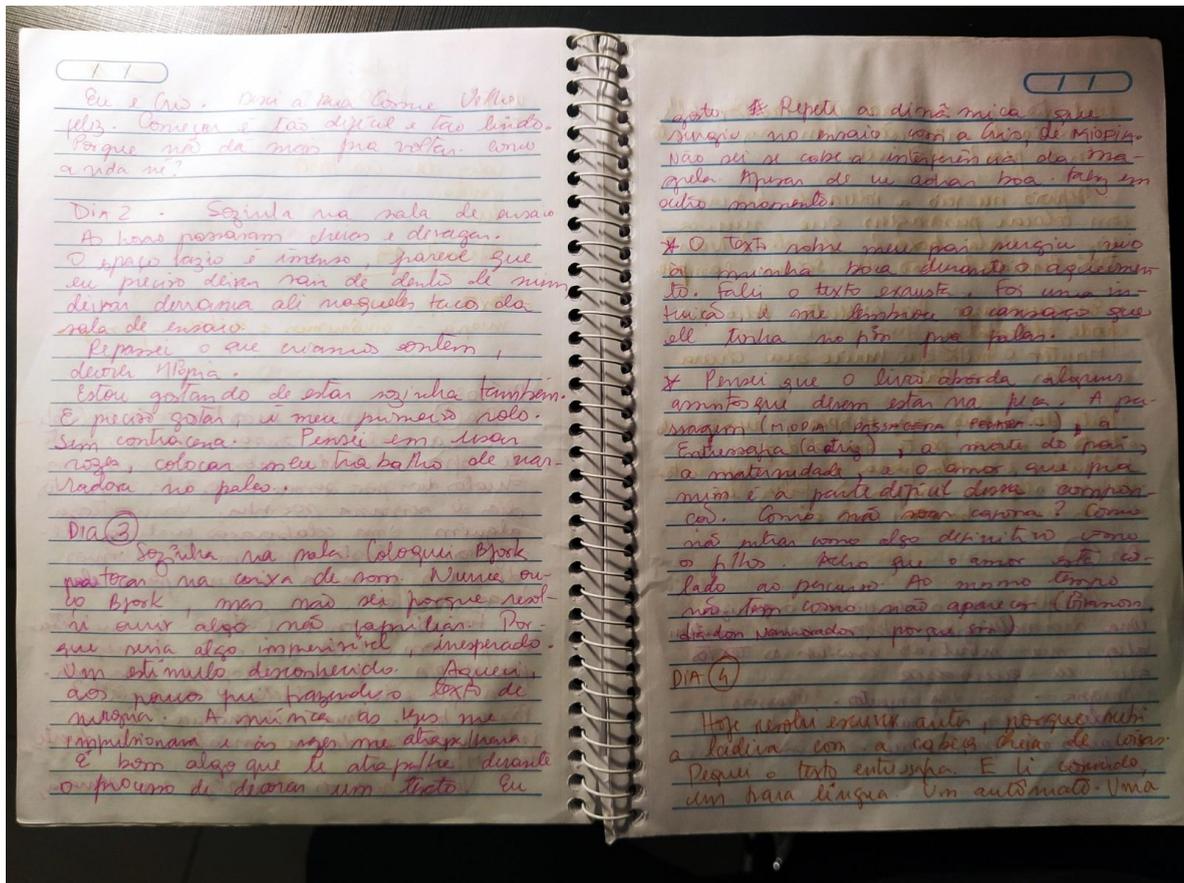
O desafio ali proposto.



O livro em pé

Adaptar meu próprio livro para a linguagem cênica. Quais palavras precisam ser ditas? Quais viram ação, corpo, silêncio? De quantas maneiras pode-se dizer a mesma coisa?

Resolvi então fazer um diário. Um caderno onde anotei dia após dia cada ensaio. Às vezes escrevia o que eu queria fazer, outras o que tinha feito. Muitas vezes parei no meio para registrar no diário uma ideia repentina, para não perder sem querer. Registrei também sensações ao longo do percurso.



Transcrevo alguns trechos:

Dia 1:

Primeiro encontro com a Cristina na sala de ensaio. Reconhecimento do espaço e organizamos nosso cronograma. Ensaios de segunda a sexta, duas vezes por semana com a Cristina, os outros dias só eu.

Fomos pra cena. Cristina já me botou de pé com o texto na mão. Começamos por Miopia, já o esboço de uma festa. Será que entra um trecho de Magrela? Pareceu bom. Uma interferência, uma interrupção rápida na narrativa.

As horas voaram.

Desci a rua Cosme Velho feliz. Começar é tão difícil e tão lindo. Porque não dá mais pra voltar, feito na vida.

Dia 2:

Sozinha na sala de ensaio. As horas passam cheias e devagar. O espaço vazio é imenso, parece que eu preciso deixar sair de dentro de mim. Deixar derramar ali naqueles tacos da sala de ensaio.

Repassei o que criamos ontem, decorei Miopia. Estou gostando de estar sozinha também. É preciso gostar, é meu primeiro solo, sem contracena. É preciso gostar.

Dia3:

Sozinha na sala. Coloquei Bjork pra tocar na caixa de som, bem alto. Nunca ouço Bjork, e resolvi escutar algo não familiar. Porque seria algo imprevisível. Um estímulo desconhecido. Aqueci, aos poucos fui trazendo o texto de Miopia. A música às vezes me impulsiona, outras vezes me atrapalha. É bom algo que te atrapalha durante o processo de decorar um texto. Eu gosto. O texto sobre meu pai surgiu, veio à minha boca durante o aquecimento. Falei o texto exausta. Foi uma intuição e me lembrou o cansaço que ele tinha para falar, no fim.

Dia 4:

Hoje escolhi escrever antes porque subi a ladeira com a cabeça cheia de coisas. Acho que o texto Entressafra entra no início. Eu quero fazer Dias Cinzentos, manter o puta que pariu que chuva e entrar no Quando Meu Pai Morreu.

Parte do ensaio refiz Miopia, reforçando o texto. Depois me dediquei à Sinônimos e Sentidos. Para decorar esse conto e elaborar uma composição

Dia 5:

Cheguei com a necessidade de organizar uma dramaturgia. Esboçar uma ordem talvez, mas sobretudo escolher os textos que quero dizer.

Dia 6:

Ensaio com a Cristina.

Toda vez que entra a palavra Festa, entra a música de festa.

O choro. Uma música pra esse momento. (?)

Trazer objetos que possam me ajudar. Concretos.



A sala vazia

Provocação da Cris: articular um conto com um objeto, três memórias, uma despedida, uma revelação, uma música vindo de um lugar inesperado, um momento de silêncio/pausa, uma coreografia, um vídeo, um convidado, uma parte do corpo de uma pessoa.

Dia 8:

Hoje ensaiei de tarde, com o dia metade acontecido, depois da terapia. Outro estado. Pensei em começar Dias Cinzentos colando unhas vermelhas.

Dia 9:

O Conto escolhido pra articulação que a Cris pediu será Dias Cinzentos.

A música inesperada virá do conduíte.

Uma memória seria o meu pesadelo recorrente, a ciranda que nunca para de rodar.

Dia 10:

Solitária na sala. Eu saio de casa animada para ficar aqui só.

Repassei as duas cenas: Responsável e Miopia.

Decorar Passageira pra essa semana.

Conversar sobre a música com Rodrigo.

Dia 11:

Só eu na sala. Pratiquei a composição de Dias Cinzentos.

O conduíte vai dar certo. A emenda de PQP que Chuva com Filha só é bom quando acordo é boa, acho que é aí mesmo.

Dia 12:

Dias Cinzentos- começa com as unhas, vai pra coreografia da encruzilhada (lava a louça?). Fala da revista. Sonho. Som do conduíte. Lembra do sonha da ciranda. Despedida. Ah, vc já vai? Mas eu ainda tô no meio, tenho uma porção de coisa pra falar ainda...

Lembrança do Jardim Botânico depois do silêncio.

Dia 13:

Ensaio na Casa de Pedra com a Cristina.

Tomar cuidado com a melancolia. Contar com mais objetividade para tirar do pessoal.

Assistir Manifesto com Cate Blanchet.

Estou com dificuldades para escolher uma cena de filme que ela me pediu.

Conversamos sobre a dramaturgia, o fio da meada. Falei sobre chamar alguém, ela acha que vamos resolver no ensaio, que já estamos resolvendo.

Foi um bom dia de ensaio, saímos achando que pode sair coisa boa daí.

Dia 14:

Não falar e andar ao mesmo tempo.

Festinha é com a platéia.

Escolhe o maquiador, faz a ação e depois conta.

A ótica na cadeira é uma boa ideia. Tontura no filme 3D.

Dia 15: não escrevi nada.

Dia 16:

Tirar a infantilidade que aparece no humor.

Atravessar a sala dançando. Menos teatral, mais real. Achar esse corpo.

Ali na cadeira, na hora de contar, ser menos literário.

Botar o texto na boca de outro jeito.

Estado presente.

Dia 17:

Mudei de ideia. Depois que eu falo do Pai, o Choro Indomável pode entrar antes da festa do Bolo e as Bolsas.

Dia 18:

Banho. Falar do pai durante o banho. Me molhar durante a cena.

Dia 19:

Hoje passei tudo que já temos. Acrescentei troca de roupas e trouxe objetos. Cronometrei. Deu 27 minutos. Acho que precisamos entender o começo e o final. Sinto que temos um miolo interessante, mas a peça ainda precisa dizer a que veio.

Dia 20:

Perguntas para eu me fazer.

Qual objetivo desse trabalho?

Por que é interessante se ocupar com esse trabalho?

O que você provoca com esse trabalho?

Você faz comentários na sua performance?

Qual a sua posição como artista nesse trabalho?

Você quer que o público tenha uma experiência emocionante?

O público é informado sobre o que é essa performance antes de entrar na sala?

Depois desses vinte dias, tivemos mais alguns encontros e definimos o tamanho da nossa apresentação. Fizemos um ensaio aberto para os atores Vandré Silveira e Cacá Ottoni e também com a presença do músico Rodrigo Maranhão, para ele ter material para compor a trilha. Foi importante ouvir a opinião de fora, entender como está chegando no espectador.

Em julho, finalmente, começamos a apresentar Entressafra, a mostrar para o público onde estamos no nosso percurso.

O primeiro lugar escolhido foi o Instituto Galpão Gamboa. Me apresentei para uma turma de alunas de teatro, composta em sua maioria por senhoras "As meninas da Gamboa", como me disse uma delas. Os professores são Inez Viana e Luiz Antonio Fortes.



Turma da Gamboa. À direita em pé, a diretora Cristina Moura, ao seu lado Luiz Antonio Fortes , professor da turma, e à frente Rodrigo Maranhão, compositor da trilha sonora.

Depois de apresentar o trabalho, conversamos, eu e Cristina, com o público. Elas disseram em que momentos se identificaram, uma delas se emocionou, perguntaram sobre o texto, como vieram determinadas ideias. Enfim, bem proveitoso para todos nós que estávamos ali.

Depois marquei de me apresentar numa EJA. (Educação de jovens e adultos) da Escola Estadual Paulo de Frontin, onde minha amiga e colega de Unirio, Tathiana Treuffar, leciona. As turmas eram bem diversas, com alunos adolescentes, ou muito jovens, e outros que estavam voltando a estudar depois de muitos anos. Depois da apresentação uma descontraída roda de conversa, e uma semana depois recebi da professora redações dos alunos sobre suas impressões da peça que assistiram. Eu adorei ler cada uma delas!



Escola Estadual Paulo de Frontin - NEJA



EEPF- NEJA (Núcleo Educacional de Jovens e Adultos)



NEJA - Turma 4

DISITQQSS Elizabeth Argento

Eu achei do teatro muito com a vida Real. Realita fiquei parada olhando como foi lindo a apresentação na qual dia atriz representou muito bem sente "Ela se parecia que estava vivendo minha própria vida muita gente sim. Comparou com história dela. Disse ao mas fico feliz por mesma coisa que eu viveo no palco.

Ana glória Neja VI

Comentário sobre a Peça "Teatral Entre Reflexo"

Essa peça é caracterizada como um monólogo, que a atriz se apresenta brilhantemente envolvida em sua história fictícia. Todos os assistentes sem se tornarem monólogos.

A apresentação na minha opinião foi maravilhosa contendo a sua vida em vários momentos, como se fosse realidade.

A atriz se apresenta envolvida todos os assistentes maravilhosamente muito bem.

Digna de ser uma atriz principal de qualquer novela ou peça e até o cinema.

Automa Geizolda Galdino de Fátima
Neja IV

Redações produzidas pelos alunos do NEJA, após assistirem a apresentação.

Pega entre sofá

Foi um monólogo que representava as facas de uma mulher a respeito as dificuldades de ser mãe e a representação de alguma situação de contínuo da sua vida as dificuldades de represente e cuidar do filho e se divertir em diversos facas

Foi um monólogo que entende todos que estão assistindo sem ficarem entediados toda participação interagindo com a obra

Proj. IV

Alexandra dos Santos Almeida

emoji®

"Conte!"

30/08/22

"Comentário Sobre a peça 'Entusiasmo'"

Fomos convidados (Néja 4) para assistir uma peça, a qual não sabemos do que se tratava. Logo fomos surpreendidos com um espetáculo maravilhoso com uma atuação incrível, uma narrativa empolgante, cativante, que em todas as formas, palavras, atraia a atenção de todos presentes. Foi "Crônicas" narrada nos momentos que de alguma forma fez eu fazer parte de histórias reais.

Parabéns a atriz, autora da peça, e ao "Entusiasmo".

FORON:

Laura da Silva F. de Souza Pereira



Em agosto, dia 25, a apresentação foi para o curso de Artes Cênicas da PUC. Turma de atuação da professora Ana Kfoury. Foi muito interessante, os alunos fizeram comentários ótimos, tiveram muita curiosidade sobre o processo de ensaio, como levantamos cada cena, como foi falar meu próprio texto, quanto tempo levou. Foi uma troca muito bacana!



PUC- Curso de Artes Cênicas



PUC- Curso de Artes Cênicas, aula de Atuação



PUC-Professora Doutora Ana Kfour

Foi muito interessante mostrar Entressafra para públicos tão diversos. Fundamental para nós entendermos onde o espetáculo pode chegar, onde falta burilar a cena, quais momentos são fundamentais. Cada turma teve sua particularidade. Na Gamboa foram as reações mais emocionadas, uma turma de senhoras muito atentas e generosas nas considerações finais. Se todos os desejos de sucesso e boa sorte que recebi naquela tarde se concretizarem, Entressafra há de rodar o mundo! Eu confesso que foi muito emocionante para mim também mostrar pela primeira vez esse trabalho tão pessoal e desafiador e ver como reverberou nas pessoas.

Nas turmas de NEJA da Escola Estadual, acho que a mais emocionada fui eu. Só de entrar numa escola pública em pleno funcionamento presencial após a pandemia já fiquei mexida. Essa, no caso, ocupa um belo prédio reformado no bairro da Praça da Bandeira, além de possuir um teatro bem equipado no ginásio esportivo da escola. Que país seríamos se todas as escolas públicas fossem assim? Além disso, sempre desejei ver de perto o trabalho da minha companheira de faculdade Tathiana Treuffar. Fomos colegas de turma na Unirio, fizemos algumas peças juntas, e Tathiana, depois de fazer licenciatura, seguiu no caminho da Educação. É emocionante o envolvimento dela com seus alunos, com seu trabalho. Cada projeto novo de artes ela se envolve, cria junto com eles, produzem vídeos, peças, cenas. Se inscrevem em concursos, participam de mostras, ganham prêmios. Não tenho dúvida que encontrar a Tathi na vida escolar é uma sorte desses alunos. E foi minha sorte também me apresentar numa turma com pessoas tão diferentes entre si. Jovens terminando a escola, adultos retornando para sala de aula depois de anos, recuperando o tempo de estudo. Estavam todos muito livres

para opinar, fazer suas considerações. Foi importante mostrar para uma turma que não está íntima da linguagem teatral. Precisava entender se minhas histórias ultrapassam o limite da minha bolha social ou se estou falando apenas para meus pares, meus colegas. Na Gamboa era uma turma de teatro, havia alguma vivência no meio teatral. Ali no NEJA não. Estava me apresentando para uma turma de uma escola regular, ensino médio, idades diversas. Os adolescentes riram muito, valorizaram cada momento e não tiveram nenhum constrangimento em fazer perguntas e considerações. A cena de plateia, quando eu me dirijo a uma pessoa especificamente, fazendo dela personagem da peça por alguns segundos, foi um acontecimento! A turma reagiu animadamente e naquele momento senti que os trouxe para atenção absoluta no que eu estava apresentando. E depois de uma semana fui presenteada com as redações de alguns alunos, pois a professora aprofundou a experiência com eles. Eu deixei um exemplar do livro, que foi sorteado na turma, e depois, segundo eles mesmos me disseram, vai passar de mão em mão para quem tiver interesse em ler. Foi uma satisfação!!!

Na PUC, me apresentei na turma da Ana Kfoury, talvez a melhor professora de corpo que eu já tive ao longo desses anos todos. Encontrei Ana em 1997, quando tinha acabado de me formar na escola de Artes Cênicas da UNIRIO e entrado para a Oficina de Atores da Globo. Era minha aula mais esperada da semana! Segui acompanhando seu trabalho, vendo suas peças, e quando estava buscando uma sala para ensaiar Entressafra, soube que ela tinha um bom espaço de trabalho, o EAK, perto da minha casa. Liguei pra ela, que me recebeu com muito carinho. Foram cerca de trinta dias, uma caminhada de vinte minutos ladeira acima pelas ruas do Cosme Velho, onde eu já ia elaborando como seria meu dia de ensaio. Já nos primeiros dias combinamos de eu fazer para seus alunos da PUC: "Semestre que vem, Isabel, vai ser ótimo! Eu vou dar uma matéria que é Atuação, vai ser interessante os alunos verem seu trabalho em processo de construção". Dito e feito. Marquei para agosto, o início do período novo para os alunos. Eu ainda não conhecia o espaço onde acontece o curso de Artes Cênicas da PUC, e me apresentei numa sala onde os alunos além de terem aula de interpretação, também aprendem a operar luz e som. Soube que no curso eles também têm aula de roteiro e escrita. Fui recebida por uma turma animada e solícita. Ofereceram uma iluminação que poderia contribuir na cena, puseram o equipamento de som à disposição do Joaquim, que está operando o som nessas apresentações, e nos deram meia hora para ajustar o espaço até que eles entraram, plateia experiente e atenta. Ao fim ficamos um bom tempo numa conversa excelente, com a turma e a professora. Eles se identificaram muito

com os momentos onde exponho a vida de atriz. Como são atores em formação, a curiosidade deles era imensa. Alguns também gostam de escrever, e me disseram se sentir mais à vontade para desenvolver um trabalho autoral após verem a apresentação. Conversamos sobre o caminho do texto para o palco, detalhes desse percurso, que como eu disse pra eles, não termina. Ao longo dessas apresentações experimentei cenas, incluí coisas novas de uma apresentação para outra, compreendi onde corro o risco de cair numa descrição pessoal e desinteressante e em que momentos consigo alargar a história, permitindo identificações distintas; onde a trilha funciona e acrescenta, ajudando muito a narrativa, onde prefiro o silêncio. Ouvi atentamente cada consideração da Ana Kfoury, fiquei muito feliz com essa oportunidade, ter uma mestra na plateia das minhas primeiras experiências com público nesse trabalho.

É apenas o começo, não tenho dúvidas.

Em outubro tenho resposta dos dois editais nos quais inscrevi a peça Entressafra. O nosso objetivo é entrar em cartaz no primeiro semestre de 2023, aqui no Rio de Janeiro, e depois seguir em turnê pelo Brasil.

Isabel Guéron

Atriz, bacharel em Artes Cênicas pela UniRio.

Escritora, cronista.

Autora do livro Entressafra, lançado pela editora Ubook.

Narradora de audiolivros.